

A CATALUNHA QUASE FRANCESAS

A Espanha está dividida em regiões, o que corresponderia, no Brasil, aos estados da federação, no que se refere aos níveis da hierarquia político-administrativa. No entanto, do ponto de vista político e cultural, isso é muito diferente porque, em vários casos, as regiões correspondem a nações que são muito anteriores à formação dos reinados e à composição, mais recentemente, do Estado espanhol, após o período franquista.

Cada região é composta por províncias e há o Reino de Navarra, por exemplo, uma região que só tem uma província. A Catalunha, onde estamos, é dividida em quatro províncias, que levam os nomes de suas capitais: Barcelona, Lleida, Tarragona e Girona.

Também nesta escala, as diferenças são grandes. Exceto Barcelona, que tem vida industrial e se constitui numa metrópole importante na escala europeia, a Catalunha mostra suas origens muito rurais, no tamanho relativamente pequeno de suas cidades, mesmo das outras três capitais de províncias, e em seus hábitos de vida simples. Quando se anda pelas estradas desta região, sentimos esses traços mais do que lhe explicamos, observando-se dezenas de aldeias e muitas cidades pequenas, bem como, relativamente, poucas indústrias.

Do ponto de vista das províncias, quando as comparamos, Girona é a mais francesa delas, não apenas porque está mais próxima à fronteira com a França, mas por outros motivos também. Grande parte da Catalunha já pertenceu a esse país. A província de Girona tem, no turismo de inverno (nos parques naturais das encostas dos Pirineus) e de verão (na Costa Brava), grande número de frequentadores vindos do país vizinho.

Como os catalães, dizem “merci”, ao invés de “muchas gracias” e “sortida” no lugar de “salida”, esta convivência torna-se muito mais fácil. Afinal, o catalão tem sua origem no Provençal, que foi uma língua falada em grande parte do sul da França.

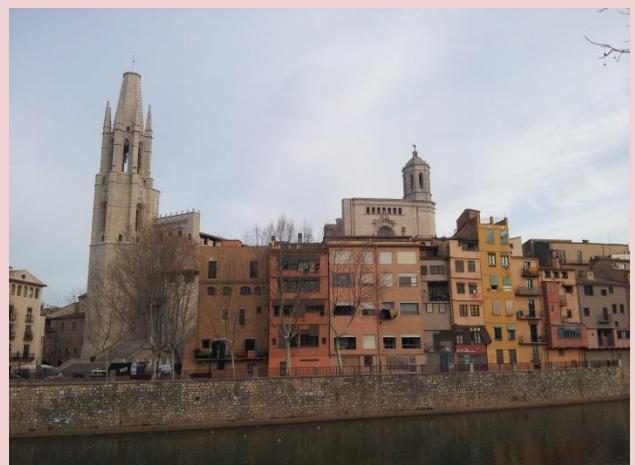
Nos restaurantes e bares que frequentamos em Girona e em outras cidades dos arredores, os garçons percebendo que não somos espanhóis, logo perguntam se somos franceses e começam a falar nesta língua. Assim, dá para notar que a gente desta província tem três línguas: - a do coração ensinada pela família, que é o catalão; - o castelhano, que é a língua oficial da Espanha e é, também, a dos negócios; - o francês, que é a da fronteira e muito importante para o turismo.

Como estivemos vários dias em Lleida, é impossível não fazer comparações entre ela e Girona. A primeira tem 130 mil habitantes e a segunda 90 mil. No entanto, Girona é mais graciosa. Seu centro histórico está mais conservado e com usos mais diversificados, o que se deve, em grande parte, ao seu patrimônio arquitetônico que permaneceu pelos séculos, visto que a elite desta cidade, no passado, foi rica, o que se refletiu em construções que resistiram mais ao tempo.



O sítio original, hoje centro histórico, está a leste do Rio Onyar que o serpenteia. A primeira área de expansão fora das muralhas está a oeste e compõe, hoje, junto com o sítio histórico, o setor amarelo mais forte da imagem ao lado, que é o mais visitado pelos turistas. As casas na parte leste, ao longo do rio, foram edificadas de costas para ele e voltadas para a cidade medieval.

Hoje, os fundos delas formam um paredão que compõe um cenário de vários tons, do terracota aos amarelados que se refletem nas suas águas, como mostram as fotos que se seguem, compondo um mosaico sobre a cidade.



Destaca-se, sobremaneira, sua catedral, cuja construção teve início em 1416, no mesmo local onde já havia uma igreja românica. O estilo da atual construção é o que chamam de barroco catalão. Não sei dizer quais são os traços que caracterizam este estilo, mas não se parece com o barroco brasileiro.

Ela é incrivelmente portentosa, pela altura de sua escadaria, pela extensão de seu frontal com altos relevos acima da porta principal e, sobretudo, porque está bem preservada; suas paredes externas devem ter sido recuperadas recentemente, porque estão claras, o que faz com que sua monumentalidade tenha um brilho que o sol realça muito mais.



A visita a ela e ao museu anexo é proveitosa, porque o acompanhamento pelo áudio guia é de muito boa qualidade, chamando atenção para detalhes, mas sem exagerar, o que nos possibilita ver sua riqueza a partir de aspectos que, talvez, passassem despercebidos. A estrela da catedral é a tapeçaria denominada “A criação”, que se estima tenha sido feita entre os séculos XI e XII e está quase totalmente preservada.

São magníficos os detalhes dos desenhos em círculo, representando a criação de Deus desde o céu e a terra até o homem retirando a mulher da sua costela.

Embora seja tão majestosa, a catedral não é a preferida dos católicos de Girona, que frequentam muito mais a Església de Sant Feliu, que estava fora da muralha da cidade (no mapa, corresponde à localização F). Ela é menos imponente, mas as capelas que ladeiam sua nave principal têm um patrimônio artístico importante. A preferência por esse templo não se deve a isto, mas sim à devoção que a população tem a San Feliu.

O comércio de Girona parece ser mais importante e sofisticado que o de Lleida. *El Corte Inglés*, maior magazine da Espanha, que se instala em cidades a partir de certo patamar de capacidade de consumo, está lá, com mais de uma unidade de vendas, e não está em Lleida. As boutiques que estão no centro histórico e na área comercial principal, que hoje está fora do território da antiga muralha, as pequenas galerias de arte que se voltam a um turismo mais rico, os hotéis de grandes redes, como Meliá e outros, bem como o número e o padrão dos restaurantes denotam essa superioridade econômica em vários sentidos.

Almoçamos no Mimolet Restaurant e ficamos encantados com o cuidado na decoração e no preparo dos pratos. Uma das entradas foi um caldo de abobrinha bem leve que trazia dentro pedacinhos de bacalhau espetados num palito que se podia comer como um pequeno petisco. O mosaico do piso e das paredes de Girona tem muita história para contar.

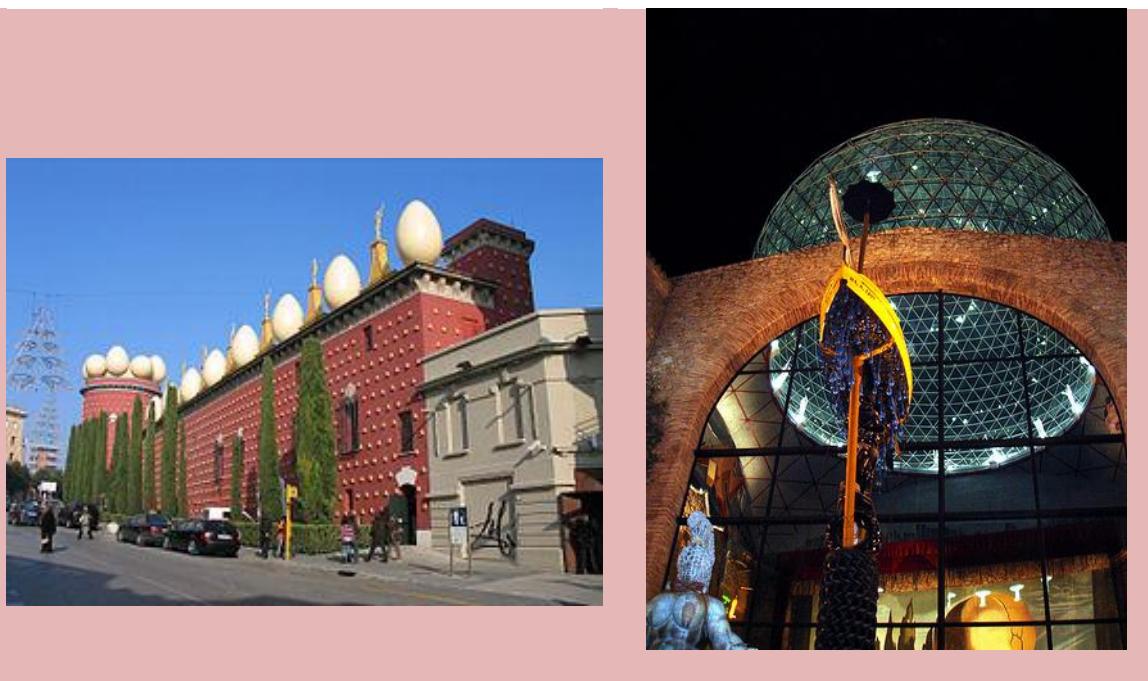


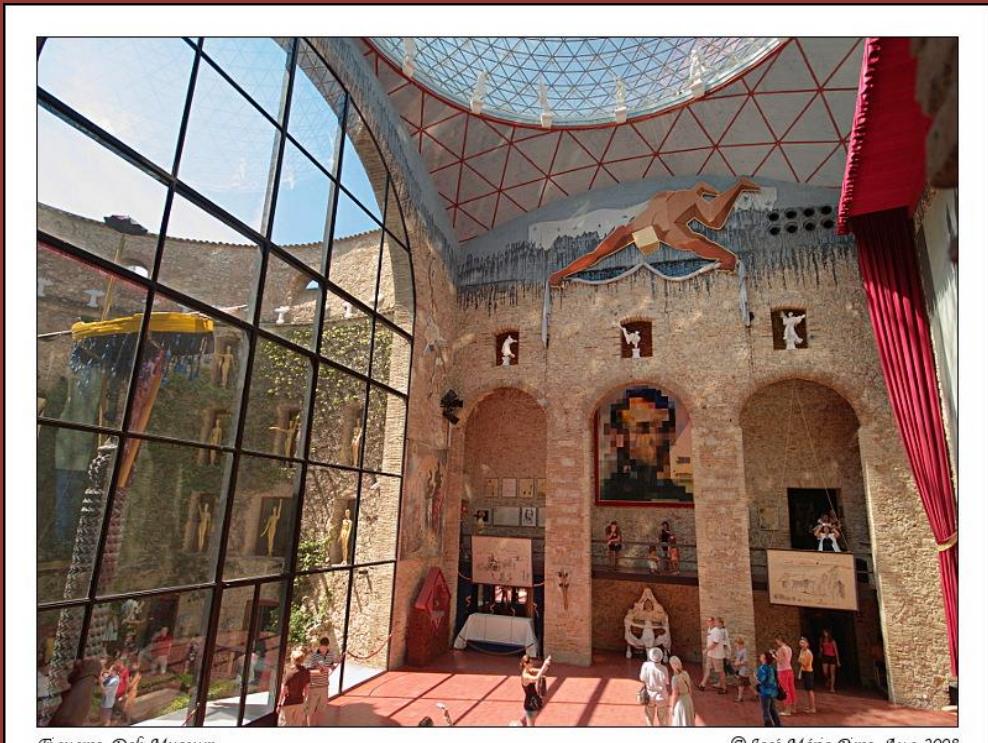
Além de Girona, a capital, conhecemos nesta província um pouco da sua faixa mais litorânea. Começamos por Figueres, onde nasceu Salvador Dalí, que ali financiou a construção de um museu que abriga muitas de suas obras. É uma cidade de 40 mil habitantes, que tem no turismo, associado à memória do artista, uma fonte econômica importante.

A edificação onde está o Teatre-Museu Dalí (escrito assim mesmo em catalão, meio francês, meio português) já é um convite a entrar no mundo surrealista do grande pintor espanhol, dos mais importantes do século XX. Ele nasceu em 1904 e, aos 15 anos de idade, fez sua primeira exposição. Experimentou o cubismo e o dadaísmo, tem obras com o estilo dos impressionistas, mas se notabilizou por criar o seu próprio, notoriamente particular. Todo o tempo em que estamos no museu, defrontamo-nos com o absurdo e, simultaneamente, é como se víssemos alguém que foi capaz de pintar e esculpir sonhos, ou, mais ainda, representar pesadelos.

Ele não apenas era espetacular pela sua sensibilidade, criatividade e domínio técnico da pintura, escultura e joalheria, além de ter sido cineasta, como também o era, no modo como se exibia ao mundo, sempre polêmico, como se fosse uma representação surrealista de si mesmo.

As fotos a seguir extraídas do Google mostram que a edificação merece o conceito de teatro-museu.





Figueres. Dalí Museum

© José Mário Pires, Aug-2008



É justamente este espaço o que mais valoriza as obras que estão no museu. Grande parte delas foi dedicada à sua mulher, chamada Gala, ou a têm como “modelo”, desde a juventude até ela já estar mais idosa. A foto que se segue foi extraída da Wikipédia.



O que nos impressionou bastante, durante esta visita, o que, aliás, é frequente na Europa, foi ver quantas crianças pequenas acompanhadas por seus professores faziam a visita ao museu.

Ficamos por vários momentos observando a gurizada e víamos como as explicações dadas pelos mestres eram interessantes, chamando atenção para aspectos de cada obra, estimulando-os a pensar como fariam uma pintura ou uma escultura, deixando-os apropriarem-se daquelas maravilhas, como mostra a foto, em que eles se empoleiram numa das principais instalações ou esculturas feitas por Dali, a que ocupa o pátio central do museu. Na mesma foto, ao fundo, outro grupo de alunos está diante do enorme painel que transpira Dali.



Ao lado deste prédio há um pequeno museu em que se expõem as joias desenhadas por Dalí. São, de fato, maravilhosas, porque os detalhes em filigranas de ouro e as pedras preciosas tornam os desenhos surrealistas muito mais delicados e muito menos absurdos do que nos pareceriam pintadas ou esculpidas em tamanhos maiores.

Nosso destino seguinte foi Cadaqués, um balneário ao norte da Costa Brava, cuja beleza está no casario branco e na expansão das casas e pequenos prédios pelas encostas em penhasco deste trecho do litoral. Bem próximo ao mar, estão as construções menores, muitas delas devem remontar ao século XIX e agora estão adaptadas para o turismo – pequenas casas, hotéis, restaurantes algumas lojinhas. Há, ainda, um cassino, que é a construção mais imponente na área mais baixa. Subindo as encostas estão as casas mais recentes, muitas delas sofisticadas: não são brancas, mas sim de estilo moderno, revestidas com pedras extraídas dos rochedos sobre os quais se assentam. Têm janelas de vidro enormes, das quais se deve ter vistas lindas, porque o litoral é todo entrecortado e falésico na Costa Dourada.



Cadaqués foi considerada, na segunda metade do século XX, a Saint-Tropez espanhola, porque várias figuras “underground” gostavam de passar o verão, perto de Dalí, que tinha uma pequena casa na praia vizinha chamada Portlligat, à qual não conseguimos chegar porque há um hotel spa que praticamente privatizou o acesso àquele trecho do litoral. Aliás, ao irmos para Cadaqués, passamos por um imenso empreendimento imobiliário com apartamentos e campo de golfe, em que havia uma placa indicando que era destinado a russos. A presença deles, fazendo turismo na Catalunha, já tinha nos chamado atenção no Aeroporto de Barcelona e na agência onde locamos nosso carro, mas agora ver esta iniciativa foi mesmo surpreendente.



À esquerda a antiga casa de Dalí, com os ovos nas pontas dos telhados. À direita, em baixo, vê-se dois homens de escuro que são seguranças do spa que agora domina a pequena praia.

O nosso último dia de passeio, na Província de Girona, terminou muito bem. Em dúvida sobre o que privilegiar nas duas ou três últimas horas de luz, a partir de umas quatro opções oferecidas pelo Guia Visual Folha de São Paulo sobre a Catalunha, optamos por Peratallada e lá fomos nós guiados pelo navegador GPS, de estrada em estrada, passando por pequenas aldeias, até chegarmos a esta, que tem 400 habitantes e é muito lindinha.

Dominada por um pequeno castelo do século XI, o aglomerado de casas de pedras parece um cenário de tão bem preservado. Os reis e condes que dominaram este território, no passado, construíram uma potente muralha. Como o núcleo não passou por mudanças importantes, ela permanece no tempo e, hoje, parece quase fantasma,

mas se vê que o turismo a reanima, pela presença de três ou quatro hotéis e restaurantes. A vista que Peratallada oferece da região que domina é muito bonita porque ela está numa colina que favoreceu, no passado, o controle sobre uma extensão de terra grande.





]



Carminha Beltrão

Fevereiro de 2013